

O MUNDO DE  
ROCANNON  
URSULA K.  
LE GUIN

AMOS RT

AMOSTRA



# O MUNDO DE ROCANNON URSULA K. LE GUIN

Coleção Ciclo de Hainish

Tradução  
Heci Regina Candiani

  
MORROBRANCO  
EDITORA

# O Mundo de Rocannon

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1966 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-019-7

*Translated from original Rocannon's World. Copyright © 1966 by Ursula K. Le Guin. ISBN 978-0-312-86211-4. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L467m

1.ed. Le Guin, Ursula K., 1929-2018

O mundo de Rocannon / Ursula K. Le Guin

tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed.

Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025

192 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: Rocannon's world.

ISBN 978-65-6099-019-7

1. Ficção científica norte-americana.

2. Ficção de fantasia. Candiani, Heci Regina.

II. Título.

08-2024/112

CDD 813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica. Literatura norte-americana

813.0876

Alina Graziela Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Coordenadora Editorial:** Illysabelle Trajano

**Produtora Editorial:** Luana Maura

**Tradução:** Heci Regina Candiani

**Copidesque:** Nestor Turano Jr.

**Revisão:** Ana Beatriz Omuro & Tomoe Moroizumi

**Diagramação:** Diego Santos

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

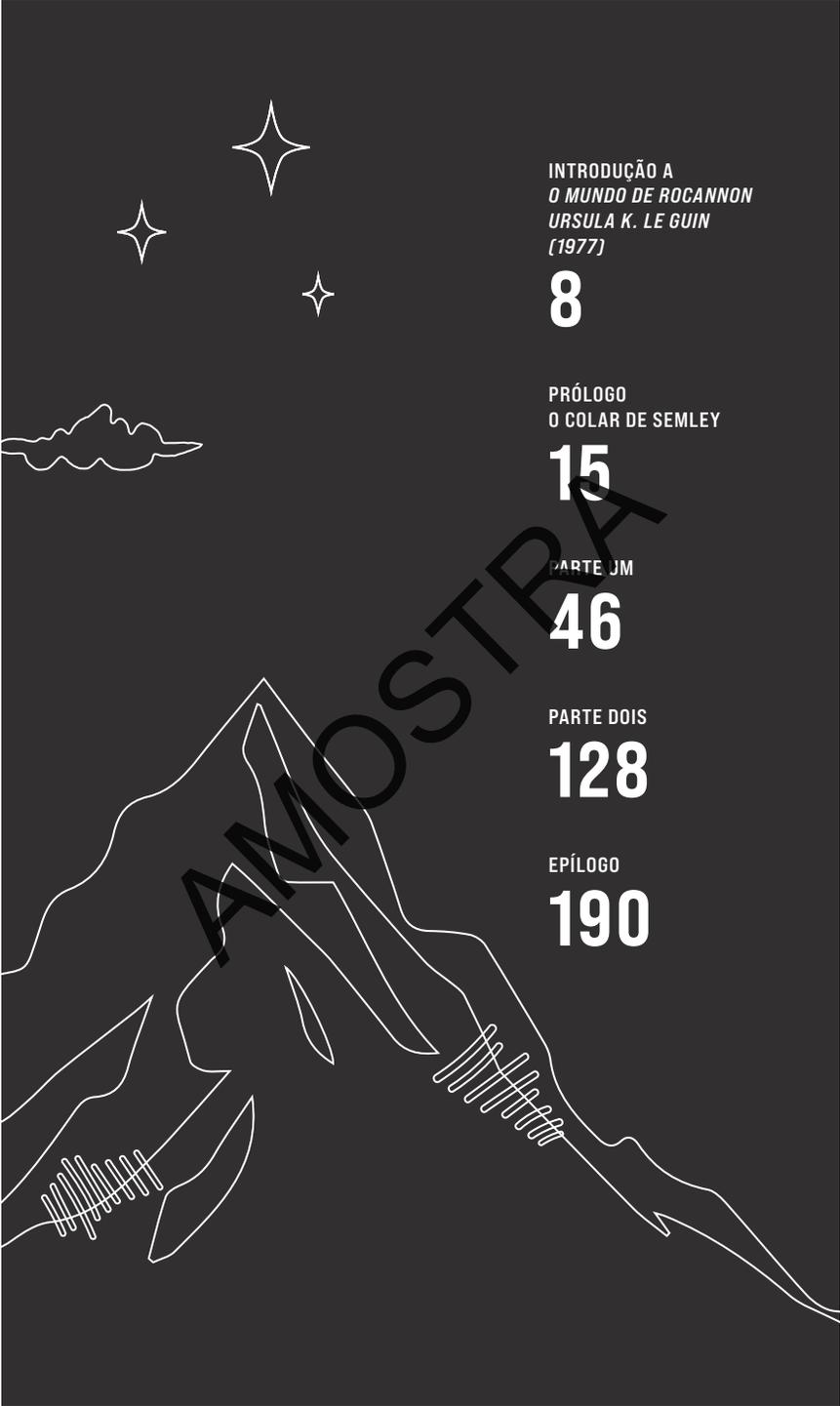
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)





INTRODUÇÃO A  
O MUNDO DE ROCANNON  
URSULA K. LE GUIN  
(1977)

8

PRÓLOGO  
O COLAR DE SEMLEY

15

PARTE UM

46

PARTE DOIS

128

EPÍLOGO

190

AMOSTRA

AMOSTRA

AMOSTRA

*Para Jean, que foi na frente*

## INTRODUÇÃO A

# *O MUNDO DE ROCANNON*

*Ursula K. Le Guin*

(1977)

Quando decidi escrever meu primeiro romance de ficção científica, em meados dos anos 1960 e em meados da casa dos meus trinta anos, já havia escrito vários romances, mas nunca inventado um planeta. É uma empreitada misteriosa essa de criar mundos com palavras. Espero poder dizer, sem faltar com respeito, que quem já fez isso entende por que Jeová tirou o domingo de folga. Olhando para trás, para esse meu primeiro esforço, consigo perceber a timidez, a imprudência e a sorte de principiante de aprendiz de demiurgo.

Quando me pedem para “definir a diferença entre fantasia e ficção científica”, balbucio, resmungo e sempre acabo falando sobre o espectro, esse espectro muito útil, ao longo do qual uma coisa se confunde com a outra. Definições são para a gramática, não para a literatura, digo, e caixas são para ossos. Mas é claro que fantasia e ficção científica são diferentes, assim como vermelho e azul são diferentes; são

frequências diferentes, e se você as mistura (no papel, eu trabalho no papel) obtém o roxo, novamente uma outra coisa. *O mundo de Rocannon* é, definitivamente, roxo.

Eu sabia muito pouco sobre ficção científica quando o escrevi. Lera muita ficção científica, no início dos anos 1940 e início dos 1960, e era categoricamente tudo o que conhecia a respeito: as histórias e os romances que havia lido. Não eram muitas as pessoas que sabiam muito mais sobre ficção científica em 1964. Muitas haviam lido mais, e havia o *fandom*; mas muito poucos além de James Blish e Damon Knight *pensavam* bastante sobre ficção científica. Ela era resenhada em fanzines, como logo descobri, e em pouquíssimos, principalmente a SF e a ASER, faziam críticas; fora das revistas de ficção científica, ela raramente era resenhada e nunca recebia críticas. Não era estudada. Não era ensinada. Não havia escolas, em nenhum sentido. Não havia teorias; apenas as opiniões dos editores. Não havia estética. Tudo isso (a *New Wave*, a descoberta acadêmica, a Clarion, as teses, as contrateses, os periódicos de crítica, os livros teóricos, as grandes palavras, os experimentos emocionantes) estava prestes a cair sobre nós, por assim dizer, mas ainda não havia caído, ou pelo menos não tinha chegado ao meu remanso. Tudo o que eu sabia era que havia um gênero de revista e de livro rotulado de FC pelos editores, categoria na qual eu havia caído, impulsionada por uma mescla de sincronicidade e desespero.

Então, lá estava eu, finalmente sendo publicada, e esperava-se que eu estivesse escrevendo ficção científica. Como?

Acho que já deve ter existido um ou dois livros sobre como escrever FC, mas sempre evitei todos esses manuais

desde que fui exposta a um curso de Escrita Criativa em Harvard e percebi que era alérgica à Escrita Criativa. Como se escreve ficção científica? *Quem sabe?*, gritou o demiurgo, animado, e começou a escrevê-la.

Demi aprendeu algumas coisas desde então. Todos aprendemos. Uma coisa que ele aprendeu (se as Musas são do sexo feminino, imagino que demiurgos são do sexo masculino) foi que vermelho é vermelho e azul é azul, e se você quer vermelho ou azul, não os misture. Há muita mistura promíscua acontecendo em *O mundo de Rocannon*. Temos naves QUAVEL<sup>1</sup> e SL, também temos o colar de Brisingamen<sup>2</sup>, corcéis-de-vento e alguns anjos imbecis. Temos uma vestimenta extremamente útil chamada impermeaveste, resistente a “elementos externos, temperaturas extremas, radioatividade, choques e golpes de velocidade e peso moderados, como o impacto de espadas ou projéteis”, e dentro da qual o usuário morreria sufocado em cinco minutos. A impermeaveste é um bom exemplo do ponto em que fantasia e ficção científica *não* se fundem graciosamente. Um símbolo da fantasia coletiva, o Manto de Proteção (invisibilidade etc.), é enfatizado com certa verbosidade pseudocientífica e uma pitada de descrição vívida, e dissimulado como uma maravilha da Tecnologia do Futuro. Isso pode ser feito com sucesso se o símbolo for profundo o suficiente (*A Máquina do Tempo* de Wells), mas se for algo meramente decorativo ou conveniente, é trapaça. Avilta tanto o símbolo quanto a

- 
- 1 As naves QUAVEL pertencem à obra *Floresta é o nome do mundo* (também publicado pela Morro Branco), que é integrante do CICLO HAINISH. [N. E.]
  - 2 A história de Semley, contada no “Prólogo”, é inspirada na mitologia nórdica, em que Brisingamen é o nome do colar da deusa do amor, da beleza, da fertilidade, da guerra e do ouro, Freyja. O mito de Freyja aparece em inúmeros recontos na literatura mundial. [N. T.]

ciência, confunde possibilidade com probabilidade e acaba sem nenhuma das duas coisas. A impermaveste é um item de engenharia perdido, que você não encontrará em nenhum dos meus livros escritos depois de *O mundo de Rocannon*. Talvez tenha sido adotado pelas pessoas que andam nas Caruagens dos Deuses<sup>3</sup>.

Esse tipo de coisa é imprudência de principiante, a gloriosa liberdade da ignorância. O mundo é meu, posso fazer qualquer coisa! Só que, é claro, não posso. Não só cada palavra de uma frase limita a escolha das palavras subsequentes, de modo que, ao final da frase, você tenha pouca ou nenhuma escolha, mas também (você entende o que quero dizer? Tendo dito “não só”, devo agora dizer “mas também”) cada palavra, frase, parágrafo, capítulo, personagem, descrição, discurso, invenção e evento em um romance determina e limita o restante do romance — mas não, não vou terminar esta frase como eu esperava, porque meu paralelo não é exato: a frase falada funciona apenas no tempo, enquanto o romance, que não é concebido ou dito de uma só vez, funciona nos dois sentidos, para a frente e para trás. O começo está implícito no fim, tanto quanto o fim no começo. (Não se trata de circularidade. Existem romances circulares fascinantes — *Finnegan's Wake*, *O arco-íris da gravidade*, *Dhalgren* —, mas, se todos os romances alcançassem ou mesmo tentassem a circularidade, os leitores de romances

---

3 A autora usa o termo “*Chariots of the Gods*”, que é o título em inglês do livro de 1968 do autor suíço Erich von Däniken (publicado no Brasil como *Eram os deuses astronautas?*). No livro, o autor defende que diversas estruturas encontradas na Terra teriam sido construídas por seres alienígenas, entre elas os sulcos de rodas da ilha de Malta. Esses sulcos, escavados na rocha em linhas paralelas, como trilhos de trem, lembram a rota das vagonetas em que Semley é transportada pelo povo da argila no “Prólogo”. [N. T.]

se rebelariam, com razão; o romance comum começa em um “lugar” e termina em outro, seguindo um padrão — linear, em zigue-zague, espiralado, em amarelinha, em trajetória — que tem o que o círculo, em sua perfeição, não tem: direção.) Cada parte molda todas as outras partes. Assim, mesmo na ficção científica, toda aquela maravilhosa liberdade de inventar mundos, criaturas, sexos e dispositivos, por volta da página 12 do manuscrito já se tornou estranhamente limitada. Você tem que ter certeza de que todas as coisas que inventou, mesmo que não as tenha mencionado ou pensado nelas, sejam coerentes; ou todas elas penderão separadas. À medida que a liberdade aumenta, também aumenta, infelizmente, a responsabilidade.

Quanto à timidez que mencionei, o excesso de cautela em explorar meu admirável mundo novo: embora eu tenha enviado meu protagonista, Rocannon, sem proteção (ele finalmente perde sua impermeabilidade) para o desconhecido, eu estava inclinada a me refugiar no que era de-fato-muito-bem-conhecido. O uso que faço de fragmentos da mitologia nórdica, por exemplo. Falhou-me a coragem da experiência, que diz: vá em frente, invente seu próprio maldito mito, acabará sendo um dos Antigos, de um jeito ou de outro. Em vez de recorrer ao meu próprio inconsciente, peguei emprestado da lenda. Não fez muita diferença, nesse caso, porque eu tinha ouvido mitos nórdicos antes mesmo de saber ler, e li *Os filhos de Odin* e mais tarde os Eddas muitas e muitas vezes, de modo que aquele mito foi uma influência formadora tanto em minha mente consciente quanto inconsciente (é por isso que odeio Wagner). Não estou realmente arrependida de ter tomado emprestado elementos nórdicos; certamente não lhes fez mal; mas ainda assim, Odin em uma impermeabilidade... É

um pouco bobo. O empréstimo também interferiu na tentativa de exploração de minha própria mitologia pessoal, que este livro inaugurou. É por isso que Rocannon foi muito mais corajoso do que eu. Ele sabia muito bem que não era Odin, apenas uma parte de mim, e que meu trabalho era seguir na direção do terreno compartilhado e coletivo do mito, a raiz, a fonte — pela estrada que era apenas minha. É a única maneira de se chegar lá.

Timidez, novamente, no povoamento do meu mundo. Elfos e anões. Heróis e servos. Feudalismo dominado pelos homens. A terra do nunca da Idade do Bronze, da espada e da feitiçaria. Uma Liga dos Mundos. Eu ainda não sabia que a ciência da minha ficção seria principalmente a ciência social, a psicologia, a antropologia, a história etc., e que eu tinha de descobrir como usar tudo isso e trabalhar com afinco nisso também, porque ninguém mais havia feito muito nesse sentido. Eu simplesmente peguei o que veio à mão, a propulsão SL e a Idade do Bronze, e usei sem pensar muito, guardando a coragem da invenção real para puras fantasias: os seres alados, os corcéis-de-vento, os kiemhrir. Uma coragem menor, mas um deleite; que eu praticamente perdi. Você não pode levar tudo com você, à medida que avança.

Espero que não pareça que estou criticando o livro, ou pior, tentando neutralizar as críticas ao antecipá-las, um truque muito embaraçoso na Arte da Autodefesa Literária. Gosto deste livro. Como Bilbo, gosto de mais da metade dele, quase duas vezes mais do que ele merece. Certamente não o poderia escrever agora, mas posso lê-lo; e a distância de treze anos me permite ver, pacificamente, o que não é muito bom nele, e o que é — os kiemhrir, por exemplo, e

Semley, e algumas das coisas que Kyo diz, e aquele desfileiro onde eles acampam perto de uma cachoeira. E ele tem uma boa forma.

Permitam-me registrar minha sincera alegria pela supressão definitiva, nesta edição, dos erros tipográficos que, abundantes na primeira edição, vêm se multiplicando como gerbos desde então. Um deles — *Clayfish* para *Clayfolk* — chegou a ser traduzido para o francês. Os *Clayfolk* tornam-se, eufonicamente, *Argiliens*, mas o erro de impressão, “os escavadores *Clayfish*”, tornou-se “ces poissons d’argilière qui fouissaient le sol”<sup>4</sup>, que considero um dos grandes triunfos da racionalidade francesa a serviço da pura insanidade. Pode haver alguns erros de digitação nesta edição, mas estou ansiosa por eles. Pelo menos, com alguma sorte, serão novos.

AMOSTRA

---

4 “Os peixes de argila que cavavam o solo.” [N. E.]

## PRÓLOGO

# O COLAR DE SEMLEY

Como é possível diferenciar a lenda do fato nesses mundos que se situam a tantos anos de distância? — planetas sem nome, chamados por seu povo simplesmente de Mundo, planetas sem história, nos quais o passado é a matéria do mito e um explorador, ao retornar, descobre que as próprias ações de alguns anos atrás se tornaram os gestos de um deus. A irracionalidade obscurece aquele intervalo de tempo atravessado por nossas naves na velocidade da luz e, no escuro, a incerteza e a desproporção crescem como ervas daninhas.

Na tentativa de contar a história de um homem, um cientista comum da Liga que foi até esse mundo sem nome, mais ou menos conhecido, não faz muitos anos, a pessoa se sente como uma arqueóloga entre ruínas milenares, avançando com esforço por um abafado emaranhado de folha, flor, galho e hera até a geometria imprevista e clara de uma roda ou de uma pedra angular polida, entrando em seguida por um portal comum, iluminado pelo sol, para encontrar do lado de dentro a escuridão, o impossível tremular de uma chama, a cintilação de uma joia, o movimento parcialmente vislumbrado do braço de uma mulher.